



A Construção do “Maracanazo”: Como os jogadores da seleção brasileira de futebol passaram de heróis à vilões na Copa do Mundo de 1950¹

Tiago ARAÚJO²

Francisco BRINATI³

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ

Resumo

O futebol é um esporte que junta várias nações para compartilhar da mesma euforia e da mesma emoção ao acompanhar as atuações de suas seleções durante os jogos. Serve como palco para as culturas e identidades nacionais se expressarem no momento do espetáculo. Sendo importante para reforçar a ideia de que o brasileiro tem sobre sua pátria. A Copa do Mundo se torna um ambiente propício para a exaltação desses sentimentos. Um dos momentos mais marcantes da história esportiva brasileira é a derrota para o Uruguai, na final do Mundial de 1950, que ficou conhecido como “Maracanazo”. O trabalho tem como objetivo analisar a construção da imagem da seleção brasileira durante o torneio e depois do encerramento. De que forma os heróis e os vilões são criados a partir dos discursos utilizados nos textos dos jornais.

Palavras-chave

Idolatria; Representação; Imprensa; Copa do Mundo; Seleção brasileira.

1 Identidade Nacional e Cultura Pelo Futebol

Identidade nacional é um conceito que está relacionado com o conjunto de sentimentos, compartilhado subjetivamente com outras pessoas, de modo que ele se sinta um integrante orgulhoso de participar de uma nação. Esse termo demonstra a condição social que ele pertence numa suposta cultura patrimonial de uma sociedade, sendo que através de uma autodescrição é possível construir uma identidade nacional. Essa ação gera a ideia de individualismo, influenciando a pensar nas diferenças em relação às outras culturas. De acordo com o autor Renato Ortiz, “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença.” (ORTIZ, 2012, p.7).

¹Trabalho apresentado no IJ 06 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

²Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da UFSJ, email: tiago2834@hotmail.com.

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSJ, email: chicobrinati@yahoo.com.br.



A construção da cultura é formada por elementos de integração nacional que estão ligados com a história do país, como folclore, bandeira, hino e monumentos históricos.

Na realidade, meio e raça se constituíam em categorias do conhecimento que definiam o quadro interpretativo da realidade brasileira. [...] A história brasileira é, desta forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato (ORTIZ, 2012, p.16).

Existe a possibilidade de um indivíduo não participar efetivamente de sua cultura, afetando o grau da sua identidade nacional, ou seja, a interação dos cidadãos da nação com os fatores que movem a sociedade e a união das características do sujeito mostra qual tipo de integrante ele é dentro do Estado, como se fosse uma espécie de uma identidade autêntica.

Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado (ORTIZ, 2012, p.9).

Dentro da esfera espacial, cultural e social da identidade nacional, que representam as condições reais da sociedade, existe uma relação em volta da política, como se o funcionamento dessas estruturas dependesse da existência de um campo governamental. Para isso, elas precisam seguir leis criadas nesse espaço político, em que as nações pertencem a um Estado, mesmo que aconteçam exceções.

Sabemos que na década de 1920 começaram a surgir propostas de identidade nacional para o país. O objetivo era definir o que era “ser brasileiro”. Nos anos 1930, porém, os projetos começaram a ser efetivados e viabilizados em processo de constante disputa, negociação e conflito entre Estado e sociedade. O campo esportivo e o futebol em particular não ficaram afastados dos debates. Afinal, como não considerar o futebol como integrante da identidade nacional diante da grande popularidade que ele vinha ganhando? (SOUZA, 2008, p.14).

Segundo o sociólogo Gilberto Freyre, o estilo de jogar da seleção brasileira a diferenciava dos países europeus, devido aos jogadores do Brasil possuírem a



capacidade de improvisar durante a partida e por eles jogarem com um estilo ousado, ágil e habilidoso. Além disso, muitos acreditam que a capoeira, a dança e a alegria induziram o jeito marcante dos brasileiros de jogarem bola. Até a característica malandra e o gingado brasileiro aparecem no jogo. Isso faz com que os atletas do Brasil se diferenciem dos europeus em cada ponto do seu estilo profissional.

A seleção brasileira funciona como o “espelho da nação”, retratando as características principais que os cidadãos carregam. Sendo possível fazer uma análise do país através do comportamento dos jogadores. Dessa maneira, na Copa do Mundo, de uma maneira simbólica, é como se os cidadãos brasileiros que estivessem disputando, e não só os atletas profissionais.

De acordo com Gilberto Freyre, era provável que o futebol iria ser influenciado pelo caráter brasileiro, do qual iria ser fator central, usando vários meios, como de expressão e de moral. Ele foi aprovado pelo governo, pela Igreja, pelo público e pela imprensa para fazer parte da nação e do povo. Isso mostra que o avanço do futebol, contribuiu para o engrandecimento dos elementos irracionais que compõem a formação cultural e social.

2 A Disputa Pelo Mundo em Campo: As Copas dos Anos 1930

Na década de 1930, a construção da “nova identidade” do povo brasileiro foi elaborada em relação às teorias que acreditavam na inferioridade do Brasil por ser um país com população mestiça, mistura de raças. Essa característica, segundo alguns intelectuais da época, prejudicava o desenvolvimento da nação, impedindo de atingir a civilização.

Leônidas da Silva, conhecido como “Diamante Negro”, foi eleito pelos torcedores como o representante do país. Mesmo com sua característica rebelde, encrenqueiro e indisciplinado, ele conseguia mostrar como era a identidade dos brasileiros através de suas ações durante os jogos, de acordo com Denaldo Souza (2008). Muitos trabalhadores brasileiros sentiam uma relação com o jogador, se encaixando no perfil dele.

Leônidas da Silva junto com Domingos da Guia alcançaram algo que muitos jogadores negros tentaram, mas não conseguiram: democracia racial. Eles mostravam que suas habilidades eram mais importantes do que a sua cor de pele. A imagem de herói nacional foi impregnada em Leônidas, que possuía uma popularidade grande em relação aos outros jogadores do Brasil de toda história. Domingos foi considerado como



um dos maiores jogadores de todos os tempos. Ambos contribuíram para a construção da hegemonia brasileira do futebol.

No caso do Brasil, o futebol se tornou um objeto de disputas simbólicas entre diferentes atores sociais. Dentro deste “cabo-de-guerra”, os trabalhadores reconstruíram o discurso oficial da identidade nacional através de mitos como o de Leônidas da Silva. Assim, eles podiam, através do futebol, aprender suas concepções de vida sem abandonar as ideias de “Brasil” e de “povo brasileiro” (SOUZA, 2008, p. 197).

Assim, foi construída a imagem de Leônidas da Silva em relação ao povo, que o idolatrava por representar cada detalhe do brasileiro, enchendo cada cidadão de orgulho por fazer parte da mesma nação que o Diamante Negro, de tal modo que crescia um sentimento de superioridade devido às atitudes ousadas do jogador dentro do campo.

3 Heróis e Vilões Nacionais Nas Copas Antes de 1950

No começo da década de 1920, os atletas negros cresciam diante dos olhos do público, agregando valor e respeito no país. Mesmo assim, o preconceito ainda existia, porém os jogadores afrodescendentes possuíam admiradores que defendiam a presença deles em campo. Leônidas da Silva e Domingos da Guia conseguiram se tornar indivíduos de referência nacional, de tal modo que qualquer sinal de preconceito perdia força nos estádios. Eles foram os principais personagens do desempenho da seleção brasileira, deixando seus nomes marcados na história do futebol e na memória dos admiradores desse esporte.

Leônidas da Silva, O Diamante Negro, maior jogador da seleção brasileira até a chegada de Pelé nos gramados, foi um dos principais heróis, e um atleta muito talentoso que possuía uma elasticidade anormal, sendo apelidado também como “Homem Borracha” pelo jornalista francês Raymond Thourmagem, quando acontecia a Copa do Mundo de 1938 na França.

Domingos Antônio da Guia é considerado até hoje um dos melhores zagueiros do Brasil e do mundo pela sua incrível técnica de driblar os atacantes com classe e categoria em vez de chutar a bola para o outro lado do campo. Recebeu o apelido de “Divino Mestre” por causa dessa sua jogada clássica e arriscada, chamada de “Domingada”.

No futebol, a vitória transforma os vencedores em heróis da nação, enquanto a derrota denomina seus protagonistas de vilões, sendo responsáveis pelo fracasso na



partida dentro do campo. “A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna a casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p.36). Além disso, a vitória é vista como consequência das qualidades do futebol brasileiro e a derrota é resultado daqueles que não cumpriram seus objetivos com a camisa da seleção, sendo culpa de uma parcela de vilões, que são vistos pelo público como traidores. Todos os atos que acontecem no jogo são julgados pelos torcedores, que avaliam os erros e as boas jogadas. “Nada impede que os vilões de hoje se convertam nos heróis de amanhã” (COSTA, 2008, 81). Como durante uma partida acontecem muitas jogadas, como finalizações, passes e chutes, as chances da atuação de um time mudar em relação ao outro são grandes, sendo possível até um jogador que foi consagrado como vilão em uma partida, conseguir reagir dentro do mesmo jogo e ter um desempenho melhor, transformando em herói no final, devido aos gols marcados e às jogadas realizadas.

No futebol, os limites que separam os heróis dos vilões são tênues e claramente dependentes do resultado final de uma partida. Tanto a derrota quanto a vitória podem filtrar nossa opinião acerca de uma determinada jogada e de um determinado jogador. E os vilões nascem em meio ao turbilhão provocado por uma derrota (COSTA, 2008, p.12).

Flávio Rodrigues Costa, técnico do Flamengo, foi escolhido como técnico da equipe em 1944, após várias vitórias de seu clube atual. Durante sua trajetória na seleção, foi dirigente do Vasco da Gama, tornando-se campeão Sul-americano no Torneio dos Campeões de 1948, sendo a primeira conquista de um time brasileiro no exterior. Vicente Feola e Oto Glória foram convocados também para auxiliar Costa no trabalho de obter várias vitórias.

Foram convocados 38 atletas em março de 1950 para treinar antes da Copa em Araxá-MG, por onde passaram por exames médicos e iniciaram os trabalhos físicos. Durante esse período, o Brasil enfrentou o Uruguai três vezes, perdendo de 3 a 4 e ganhando em São Januário por 3 a 2 e 1 a 0. O jogador Ademir conseguiu fazer cinco gols dos sete nas três partidas realizadas, contribuindo para o crescimento dos sonhos dos torcedores brasileiros em relação à Copa do Mundo.

Os brasileiros tinham confiança na vitória da seleção no torneio desde quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de 1950. A certeza era tão grande que foi exigido que construísse um novo estádio no Rio de Janeiro para ser o palco da conquista do título mundial.



4 A Construção de Heróis e Vilões nos Discursos

A língua possui o poder de construir vários sentidos do homem dentro de um ciclo social através das suas representações simbólicas. A linguagem consegue relacionar o indivíduo com a realidade natural e social, contribuindo para a interferência humana na sua sociedade.

Determinadas palavras possuem a capacidade de construir significado para determinado objeto ou pessoa que estão presentes no contexto. Não é possível uma palavra depender de si mesma, ela necessita de outras para poder construir uma relação, em que vai existir um sentido por trás delas. Assim, a formulação do discurso está atrelada à sua atualização. Os discursos elaborados no intradiscurso precisam estar inseridos em um interdiscurso, como se fosse uma memória discursiva que abriga os dizeres, mesmo aqueles esquecidos e que determinam os discursos.

De acordo com José Luiz Fiorin, o discurso transmitido possui um sistema de valores, ou seja, estereótipos dos comportamentos humanos que são analisados como bons ou ruins, já que a linguagem tem o poder de influenciar as atitudes dos indivíduos. É por meio dessa lógica que a sociedade transmite, através da linguagem, estereótipos para os cidadãos, determinando quais comportamentos e atitudes eles devem possuir. Através do discurso que as ideias hegemônicas de uma determinada época ou de um ciclo social procuram a aceitação de alguma sociedade. “O texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso” (FIORIN, 1990, p. 41).

Dessa maneira, pode-se entender que a análise dos textos está interligada com a área de esportes, o que explica o uso dessa metodologia na criação desse projeto. Através da análise dos jornais, é possível compreender as representações que os jogadores carregam durante determinada época e como as pessoas reagem quando relacionam essas projeções com outros personagens de momentos históricos diferentes por meio do discurso imposto pela mídia.

Portanto, a análise dos textos segue a ideia do funcionamento da metodologia, destacando os processos de determinação sócio-ideológica do discurso. Contudo, os jornais *O Globo* e da *Folha da Manhã* vão ser usados para analisar a construção, pelas escolhas semânticas e pela intertextualidade, dos jogadores da seleção brasileira. Essa prática será feita dentro do espaço-tempo desejado nos dois jornais diários impressos



para mostrar a maneira que os discursos relacionados aos atletas foram sendo modificados durante o Mundial.

5 Copa de 1950: dos Heróis do *Scratch* aos Fracassados de Flávio Costa

Os dois jornais das capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro utilizam discursos parecidos na construção da imagem dos jogadores de futebol do Brasil. Termos e expressões são usados para representar os sentimentos de euforia ou de tristeza que o povo carrega depois de acompanhar uma partida de futebol. Além disso, a imagem dos atletas é construída pelo julgamento que os torcedores fizeram após assistir as falhas e as conquistas realizadas dos jogadores dentro do campo.

5.1 A campanha exitosa e os heróis nacionais

De acordo com as escolhas semânticas realizadas na construção das sentenças do Globo: “Acolhidos e intensamente aplaudidos por uma torcida numerosa e ainda pela simpatia da imprensa e do rádio paulista, iniciaram os cracks brasileiros seus preparativos de campo, no Pacaembu, para o compromisso número dois da quarta ‘Copa do Mundo’.” (O GLOBO, 27/06/1950, p. 10), ou:

Os scratchmen brasileiros estiveram em atividade esta manhã. Houve uma hora de física e bate-bola, tendo o exercício sido encerrado com uma espcia de ataque e defesa. Boa disposição revelaram os cracks. Todos animados em uma grande vitória. Um trinufu que representa a tão desejada classificação às finais da “Copa do Mundo”. Os jogadores brasileiros fazem questão de lembrar à torcida que lutarão com alma. Farão tudo pela vitória. Fazem questão inclusive de respeitar o adversário que consideram lutador e de grandes possibilidades técnicas (O GLOBO, 30/06/1950, p. 10).

Os dois trechos trabalham com a valorização dos atletas brasileiros, mostrando que possuem condições propicias de vencer os jogos e conquistar a Copa do Mundo. Como no texto:

Aos rapazes que defenderão o prestígio do esporte brasileiro, em compromisso de tão alta responsabilidade, a ‘torcida’ de todo o país abre um largo crédito de confiança, tanto aquela que lotará o estádio monumental, como os milhares e milhares de afeiçoados que, em todos os cantos do país, acompanharão pelo rádio o desenvolvimento do mais sensacional dos confrontos até hoje realizados em disputa da Copa do Mundo (FOLHA, 01/07/1950, p.6).



O jornal chega a comentar sobre Zizinho, um dos preferidos dos torcedores, em uma matéria para aumentar as expectativas na seleção brasileira:

A grande sensação do ensaio desta manhã foi a presença de Zizinho. É que havia muita preocupação em torno do seu estado físico. Zizinho amanhecera resfriado e queixando-se de garganta, além do joelho que vinha preocupando muito. Mas o famoso jogador deu motivos de satisfação a todos, correndo com desembaraço. Movimentando-se com segurança. Sem sentir contusão que o impediu de jogar contra mexicanos e suíços. E portanto, Zizinho jogará, fora de qualquer dúvida (O GLOBO, 30/06/1950, p.10).

A mídia foi criando heróis durante a Copa, que seriam capazes de ganhar os jogos e defender a nação. Dessa maneira, as pessoas passaram a depositar confiança nesses personagens do futebol, devido eles terem o poder de realizar o sonho de todos: “Brasileiros e estrangeiros de todos os quadrantes do país acompanham de perto o desenrolar desse magno certame que se realiza num clima de alto espírito de cavalheirismo, desportividade, arrojo e ardor. O interesse do povo cresce dia a dia, à mediada que a representação brasileira é chamada a cumprir os seus compromissos” (O GLOBO, 01/07/1950,p.1).

Não só os torcedores, mas os atletas tinham a confiança de ganhar a qualquer custo contra os adversários, por mais difícil que fosse o jogo. Eles acreditavam que poderiam agradar à torcida até o fim do torneio mundial: “Um empate será o suficiente para classificar a Iugoslávia e afastar o Brasil da competição. Não é preciso dizer mais nada para que se compreenda o empenho, o entusiasmo, a vontade férrea de vencer com que a seleção do Brasil terá de lutar esta tarde. E a torcida brasileira estará toda com o seu scratch na peleja de hoje no colosso do Derby” (O GLOBO, 01/07/1950, p.12). Também no texto: “Espetacular vitória alcançou hoje à tarde a seleção do Brasil, ao derrotar, em uma cartada que se apresentava decisiva, a representação da Iugoslávia.” (FOLHA, 02/07/1950, p.6).

Esse tom de discurso de satisfação continua no texto do jornal: “A vitória alcançada pelos brasileiros, pela contagem de 2 a 0, não foi de gala, no que se refere à parte técnica, repetimos. Todavia, a ação do nosso ‘scratch’ foi brilhante e espetacular diante da fibra, do entusiasmo e da dedicação dos onze ‘players’ que integraram a representação” (FOLHA, 02/07/1950, p.6).

À medida que se vai se aproximando das fases decisivas, o tom de confiança vai aumentando em relação aos jogadores brasileiros, acreditando que estaria tudo pronto para jogar:



“Não existem problemas para a formação do scratch brasileiro que amanhã enfrentará o selecionado sueco. O treino conjuntivo realizado na tarde de ontem, no Estado de São Januário, como “apronto” dos scratchmen, provou que todos os jogadores apontados como titulares da equipe – aqueles mesmos que estiveram em ação contra os iugoslavos – ostentam em boa condição física, estando aptos para se apresentarem, coesos e preparados, para defenderem o renome do football nacional na fase decisiva da “Copa do Mundo”. (O GLOBO, 08/07/1950, p.12).

No trecho da matéria mostra o entrosamento que a seleção brasileira tinha para jogar em campo: “Outra vez Ademir, vinte minutos depois, marcou para o Brasil. Zizinho, recuado, passou para Danilo que, depois de iludir dois defensores suecos, centrou para Jair. O meia esquerda, num dribbling sensacional, fez a bola passar entre Samuelsson e Nordhal, para o lugar em que se encontrava Ademir. O comandante avançou e livrou-se de Suensson, colocando a bola no canto esquerdo do arco escandinavo.” (O GLOBO, 10/07/1950, p.12).

No trecho é possível enxergar a paixão junta com a expectativa construída pelos jornais: “A vitória assinalada contra a Suécia, porém, valorizou, amplamente, as qualidades do ‘onze’ nacional, colocando-o em condições de poder fazer valer as suas aspirações do título máximo da Copa do Mundo. Na peleja de hoje os brasileiros tudo farão para confirmar as suas credenciais trabalhando para conquistar uma vitória que terá, naturalmente a característica de uma revanche dos três a um de 24, e que colocará o Brasil na posição de real candidato ao título de campeão do mundo em 1950” (O GLOBO, 13/07/1950, p.12).

A expectativa crescia até a chegada da fase final da Copa contra o Uruguai como no trecho: “O Brasil inteiro acompanhou a campanha do scratch brasileiro neste dramático Campeonato Mundial. Vibrou de emoção com as suas extraordinárias vitórias. Agora, chegou a hora decisiva, em que vamos preliminar com os nossos irmãos uruguayos.” (O GLOBO, 15/07/1950, p.1). Ou nesse: “O que todos querem agora é o título de Campeão Mundial de Football para o Brasil, um título que aumentará o prestígio esportivo de nossa terra em todo mundo. A postos, portanto! A Postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! A postos, torcedores, para o incentivo ao scratch do Brasil e para o respeito ao adversário! Queremos vitória, só a vitória, nada mais do que a vitória!” (O GLOBO, 15/07/1950, p.1).



Todo esse clima de conquista mundial estava espalhado pelo país: “Esse ambiente de euforia vai por todos os lados da cidade, nas ruas, nas casas, nos locais de trabalho. Amanhã, toda a multidão aguardará emocionado o momento da partida que poderá dar ao Brasil o título de Campeão do Mundo.” (O GLOBO, 15/07/1950, p.1).

Como o Brasil precisava de apenas um empate para ser campeão, as pessoas acreditavam ainda mais na seleção: “Além da positiva vantagem que é a do empate para a conquista do título, um ligeiro balanço das campanhas dos dois teams no atual campeonato apresenta números favoráveis aos brasileiros.” (O GLOBO, 15/07/1950, p.12).

5.2 A tarde em que heróis viraram vilões

Na análise feita no período depois da final da Copa do Mundo contra o Uruguai, é possível entender como foi feita a construção da imagem de vilões em relação aos jogadores brasileiros, através dos discursos utilizados nos jornais *O Globo* e *Folha da Manhã*.

Isso é notado nas escolhas semânticas utilizadas durante a elaboração dos jornais brasileiros que se referem à seleção nacional. No trecho do jornal *O Globo*, mostra o clima de decepção que passou a existir quando o jogo acabou:

Numa esplêndida demonstração de combatividade, a seleção oriental conquistou a Taça Jules Rimet – baqueou o esquadrão brasileiro, ao termo de empolgante arrancada – da expectativa, fremente à decepção amarga, exemplar a atitude da multidão ontem presente ao estádio, incentivando as nossas cores e aplaudindo os vencedores, duas falhas lamentáveis tornaram mais patente uma tarde dos jogadores patricios (O GLOBO, 17/07/1950, p.1).

Os títulos principais do jornal *O Globo* eram relacionados com a derrota da seleção: “Os brasileiros esqueceram que estavam disputando uma Copa do Mundo.” (O GLOBO, 17/07/1950). Ou como nesse: “A derrota não é só minha, declara Flávio, é de todo Brasil” (O GLOBO, 17/07/1950, p.12).

A decepção foi tão grande que, segundo os jornais, era possível perceber a tristeza nos olhares das pessoas, alguns chegaram até falecer de emoção:

A derrota do selecionado brasileiro foi um verdadeiro choque para os torcedores. Ninguém se conformava e todos deixavam estampado na fisionomia o desespero pela oportunidade perdida. Homens e mulheres de todas as idades, nas ruas, nos cafés e nos meios de condução, não escondiam às vezes as próprias lágrimas. E no meio dessa tristeza registrou-se um caso doloroso: às 17:45 horas, no derradeiro minuto da peleja falecia, emocionado, o 3º sargento



reformado da Marinha, João Soares da Silva, na sua residência, a rua do Monte n.71 (O GLOBO, 17/07/1950, p.1).

Nesse dia, a tristeza tomou conta de todos torcedores presentes no Maracanã:

Nada, palavra alguma, expressão nenhuma, reproduz exata e fielmente o que foi o reservado dos brasileiros, uma vez terminada a batalha que decidiu a posse do troféu Jules Rimet. Só mesmo vendo, só mesmo diante dos fatos, da eloquência dos sentimentos e das lágrimas, poder-se-ia constatar, pesar e medir, o grau das ocorrências que coroaram o fim de tarde no Maracanã (O GLOBO, 17/07/1950, p.12).

Mesmo com todos acreditando que o Brasil seria campeão, e torcendo para que isso acontecesse, não foi o suficiente. Faltou a competência que os brasileiros não tiveram, com exceção do Uruguai:

Eles foram bravos como sempre, não jogaram mal, mas nós cometemos erros. Os uruguaiois tiveram um sentido mais exato das oportunidades. Aproveitaram-se bem das raras chances em instantes de falhas da nossa defesa. Foi uma tarde pouca propícia para o nosso setor esquerdo defensivo, mas seria desumano culpar-se A ou B pela derrota. Todos procuraram cumprir religiosamente seus deveres. Foram corretos em todos sentidos. Se não venceram foi porque a sorte não nos ajudou (O GLOBO, 17/07/1950, p.12).

No curto espaço-tempo, os atletas passaram de heróis a vilões. Um dia eles eram idolatrados pela torcida, no outro já eram criticados: “O mais doloroso é que as mesmas pessoa que, na véspera, apontavam nossos jogadores como os campeões do mundo, agora procuram lançar-lhes a pecha de criminosos. Se não tivesse entrado aquela bola de Gighia, tudo estaria no melhor dos mundos e os jogadores seriam idolatrados. Vejam certos jornais antes e depois do jogo com o Uruguai” (O GLOBO, 19/07/1950, p.19).

Alguns acreditam que a justificativa da derrota foi que a seleção do Brasil achou que o jogo estava ganho depois de ter feito um gol sobre o Uruguai, buscando ampliar o placar, como foi escrito no texto do jornal *O Globo*:

Muito. Muito poderia ter sido feito. Depois de conquistado o primeiro tento os brasileiros entraram por um caminho errado. Sairam à procura do segundo, quando o intuitivo, o primordial, era defender aquele goalzinho que valia por culpa vitória. Era preciso dosar o jogo. Acredito que os brasileiros tivessem um bom sistema para ganhar um de cinco, de seis e de sete. Mas não estou convencido que os brasileiros não tinham um sistema bastante prático para defender uma vitória minúscula. Uma vitória de um a zero. Ou o empate! (O GLOBO, 20/07/1950, p.10).



Ou no trecho: “Os brasileiros precisavam, apenas, do empate para chegar ao mais alto. Bastava só controlar o jogo na metade do campo. Não pensar em mais de um goal. Mas os brasileiros acharam melhor pensar em cinco goals, e aí se liquidaram” (O GLOBO, 20/07/1950, p.10).

6 Conclusão

Quando os jogadores entraram no Maracanã no dia 16 de julho de 1950, eles eram vistos como os heróis do Brasil até acabar os 90 minutos, em que receberam a alcunha de perdedores. Mesmo as vitórias contra a Suécia e a Espanha não foram suficientes para que a imagem de vilão não fosse imposta aos jogadores, como se eles tivessem jogado apenas contra o Uruguai. Dentro dessa pequena duração de tempo, é o suficiente para definir os heróis e os vilões da partida após o resultado.

“Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um status de superioridade lhe é conferido, o vilão é lançado numa queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações das quais, muitas vezes, não consegue se livrar.” (COSTA, 2008, p.67).

No dia 16 de julho de 1950, o Brasil não teve heróis, apenas vilões, sendo um dia histórico sem nenhuma glória, somente fracasso e dor. Mesmo depois dos brasileiros sentirem tanta emoção com suas vitórias no torneio e ficar bem próximos da taça, eles tiveram que aceitar a derrota no final para os uruguaios.

Existe uma semelhança entre os heróis e os vilões do futebol. Ambos são criados a partir da imaginação do público, por meio dos anseios e das expectativas que o torcedor sente. Porém, os heróis alimentam os sonhos, enquanto os vilões despertam os torcedores, colocando um fim nos pensamentos idealistas, sendo esse um dos motivos para serem odiados.

Alguns heróis da pátria surgem a partir das Copas do Mundo da FIFA, em que marcam gols históricos e criam jogadas fascinantes contra seus adversários. Muitos jogadores conseguem se transformar em ídolos dos torcedores nesse torneio, dos quais os trata como alguém íntimo ou como um parente, sendo lembrado em vários momentos de família. Assim, a seleção e o futebol são meios que têm a capacidade de modificar o cenário e os personagens da sociedade.

Os impressos *O Globo* e *Folha da Manhã* tiveram contribuição na construção da imagem dos jogadores através dos discursos utilizados. Tendo impacto sobre os leitores que o seguiam, já que naquela época, o jornal era umas das poucas mídias consumidas



pelo público. A representação do atleta era feita a partir do que as pessoas liam nos jornais e escutavam nas ruas, no rádio.

Nesse cenário esportivo, em que as seleções e os jogadores eram debatidos após os jogos, o trabalho procurou compreender a maneira que os discursos dos jornais lidavam com os acontecimentos na Copa de 1950. A partir de dispositivos analíticos, percebe-se os sinais do enquadramento jornalístico no esporte, reforçando os aspectos de isomorfismo na imagem dos jogadores. Quando discorre sobre sentidos de um atleta desatento, iniciante, preguiçoso e cheio de falhas, os textos dos dois jornais contribuem para impor uma imagem de vilão nos jogadores da seleção. Assim, a ideia que tinha sobre os personagens da Copa do Mundo de 1950 foram sendo moldadas no país, até julgar os culpados pela derrota na final.

No início do torneio, em que a seleção brasileira vinha tendo vitórias consecutivas, consideradas brilhantes pelos torcedores. Os discursos criados eram voltados para a valorização do time e dos jogadores, contribuindo para exaltação da pátria. Para isso, foram usadas escolhas semânticas que davam a alcunha de heróis da pátria aos jogadores. Como a seleção brasileira tinha realizado uma ótima campanha na Copa de 1938 na França, a expectativa sobre o resultado final era grande. E muito dessa intertextualidade, dessa memória discursiva sobre outros momentos de “grandeza” do futebol brasileiro foram evocados pelos jornais. Ainda mais com o Brasil tendo terminado os jogos invictos e atuando em casa.

Mesmo com a exaltação da imagem, que foi sendo construído pelos discursos durante um tempo. Os jogadores eram vistos como defensores da pátria, heróis da nação que jogavam com a alma. Porém, toda essa projeção em relação a eles foi modificada após a derrota na fase final. Todo o esforço e conquista que eles tiveram durante a Copa foi esquecido. Até a superação das dores físicas para entrar no jogo e os tratamentos intensivos não foram suficientes para servir de consolo para um público que queria encontrar alguém para descontar o sentimento de indignação e de angústia.

Diante do Uruguai, a seleção de futebol do Brasil viveu o que muitos consideram o maior pesadelo da história. Quando o segundo gol uruguaio foi marcado, acabando com as expectativas dos brasileiros, os jornais *O Globo* e *Folha da Manhã* fizeram matérias em que a seleção era completamente culpada pela derrota, mostrando insatisfeitos com o trabalho feito pelos jogadores dentro do campo.



Referências bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002;2. ed.; Mauad X, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2008.

DA MATTA, Roberto. **Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro**. In: DA MATTA (org.) Universo do Futebol. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. Editora Ática, SP, 1990.

FOINA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI Gustavo, XIMENES Murilo. **1950: O preço de um Copa**. São Paulo: Letras do Brasil, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli.. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP, Pontes, 6ª edição, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012. 14ª reimpressão. 5ª edição.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomás Tadeu (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p.7-72.